

# AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA CASA DE DAVI

Elaine Neuenfeldt  
Edmilson Schinelo

A discussão sobre as relações de gênero, especialmente como as construções de masculinidades de alguns personagens bíblicos interagem com os papéis protagônicos das mulheres, tem ocupado espaço na reflexão e no estudo de algumas mulheres.

Um lugar muito interessante de olhar para as relações de gênero e seu entrelaçamento com os espaços de poder, político e econômico, a partir de testemunhos bíblicos, têm sido os relatos em torno da ascensão e declínio do reinado de Davi. A história de Davi, como é descrita pela narrativa bíblica, entrelaça muitas nuances e serve como paradigma nesta reflexão. Davi é apresentado como um personagem central, que “gradualmente, deixa de ser um garoto delicado, suave e sensível, torna-se (na idade adulta) um rei poderoso e lascivo e termina sua vida como um velho fraco”<sup>1</sup>.

Junto com esta descrição bíblica de Davi encontra-se ainda a perspectiva que a tradição imprime na figura deste rei e pai sobre Israel. A história interpretativa destas passagens reforça a idéia de uma masculinidade idealizada, hegemônica, baseada no poder e na força. As personagens femininas são interpretadas como estando a serviço do rei, homem, pai, marido, para exaltação de sua grandiosidade e de seu poder.

“...o Davi bíblico é um símbolo masculino que corresponde ao principal conceito bíblico de masculinidade. Ele é um grande guerreiro, mas também poeta e amante; um rei cruel, ainda que sensível; selvagem e ávido em seu relacionamento com as mulheres, mas também um homem de altos princípios de administração e da ordem”<sup>2</sup>.

## **1. Um jeito de chegar ao poder**

Os livros de 1 e 2 Samuel dedicam vários capítulos para narrar a ascensão de Davi ao poder. Praticamente é este o eixo da obra, desde 1Sm 16 até 2Sm 6, momento em que Davi, já admitido como rei também pelas tribos do Norte (2Sm 5,1-5), conquista Jerusalém e submete a si o controle da arca (2Sm 6). O que nos chama a atenção, entretanto, é o quanto esses relatos estão marcados de violência do começo ao fim. E com uma mistura explícita entre violência bélica e violência sexista. Uma ligação umbilical entre o poder das armas e o poder machista nas relações de gênero. Reto-

1. Sulhamit VALLER, “O rei Davi e ‘suas’ mulheres – Histórias bíblicas e discussões talmúdicas”, em Athalya BRENNER (organizadora), *Samuel e Reis – A partir de uma leitura de gênero*, São Paulo: Paulinas, 2003, p.167.

2. Sulhamit VALLER, “O rei Davi e ‘suas’ mulheres”, p.168.

memos alguns episódios, com um olhar para as relações de gênero sugeridas pela maioria desses textos<sup>3</sup>.

Mulheres, com seu canto, despertam o ciúme e a raiva do rei: “Saul matou mil, mas Davi matou dez mil” (1Sm 18,7). A cena parece evocar o canto de Miriam (Ex 15,20-21), ou mesmo o canto de Débora (Jz 5,11). Mas com uma diferença básica: nos textos do Êxodo e de Juízes, elas não apenas lideram o canto, a liturgia festiva, mas lideram o povo. Já no relato de 1Sm, os redatores do livro apenas fazem uso do canto das mulheres para darem início à sua versão da história do conflito entre Saul e Davi. A narrativa é exageradamente tendenciosa: sempre bem-sucedido, o jovem Davi cresce em sucesso e fama e, não por vontade própria, mas porque Javé assim o quis, “faz sombra ao próprio Saul”.<sup>4</sup> E é apresentado para todo o seu povo como protótipo de homem (varão, macho) a ser seguido e imitado. As mulheres são “chamadas” a formar o “fã clube do galã”.

O que as mulheres fizeram ou falaram, de fato, não temos como saber. Aliás, desde o início da narrativa da história da ascensão de Davi ao trono, já se foram dois longos capítulos (1Sm 16 e 17) e é a primeira vez que elas aparecem. Antes, há apenas uma menção à filha de Saul, como forma de pagamento ou prêmio a quem tivesse a coragem de enfrentar o gigante filisteu (1Sm 17,25). Uma coisa se torna evidente: os redatores estão dando início a um processo de utilização das mulheres, deixando que elas falem ou impondo-lhes silêncio, de acordo com o interesse em mostrar ações e reações das figuras masculinas presentes nos textos, especialmente à figura de Davi.

O interessante é que narrativas tão tendenciosas para com Davi não deixam de transparecer, a uma leitura um pouco mais atenta, uma figura ambiciosa e utilitarista, que não tem escrúpulos em aproveitar-se mesmo da afeição que lhe é devotada: Jônatas, o filho de Saul, se afeiçoa a Davi, passa a amá-lo como a si mesmo. E passa para ele, além de seu manto, sua armadura, sua espada, o arco e o cinto (1Sm 18,4). Ou seja, trata-se de pacto de amizade e lealdade, mas com caráter militar. Uma aliança que até tem aspectos diferentes, mas ainda dentro do mesmo modelo de masculinidade: faz-se pelas armas. E Davi saberá usar desta relação quando precisar salvar a sua pele.

Micol, também filha do rei, por ele se apaixona. O rei faz ao herói uma proposta para o casamento; “o negócio pareceu bom aos seus olhos, para se tornar genro do rei” (1Sm 18,26). Não é difícil perceber que o herói apresentado, um homem viril e sonhador, guerreiro e amante, faz uso de todos os meios para atingir seus objetivos pessoais e, de acordo com as narrativas, com as bênçãos de Javé. Não se aproximaria esse herói do modelo de masculinidade ainda tão hegemônico em nossos dias?

3. Os textos de 1 e 2 Samuel, apesar da tentativa de harmonização feita pela redação final deuteronomista, estão cheios de lacunas, repetições e contradições. E neles é possível encontrar resquícios de resistências contra a concepção hegemônica dentro de muitos textos. Um bom exemplo é a narrativa de 1Sm 28, na qual o rei Saul, depois de ter perseguido a religião liderada por mulheres, vê-se obrigado a dobrar-se a ela. Como nosso olhar está voltado para a figura de Davi, não nos deteremos neste texto. Registramos, entretanto, a sua importância para a leitura de gênero.

4. Cf. Luiz José DIETRICH, Shigeyuuki NAKANOSE e Francisco OROFINO, *Primeiro Livro de Samuel – Pedir um rei foi nosso maior pecado*, Petrópolis: Vozes, 1999, p.209-214.

O Livro de 2Samuel continua na mesma perspectiva. A forma de Davi chorar a morte de Saul e de Jônatas, “aquele cujo amor era mais caro do que o amor das mulheres” (1Sm 1,6), é matar quem trouxe a boa notícia e compor um hino. E a partir do primeiro capítulo, os textos vão intercalando relatos de guerra, sempre regados a muito sangue, com narrativas de submissão, opressão e abuso sobre as mulheres. É interessante folhear o livro com esta perspectiva.

Não resolvida a questão do trono de Saul, ferrenhamente disputado entre descendentes de Saul e Davi e seus aliados, mulheres continuam sendo estupradas ou compradas, enquanto cabeças masculinas vão sendo decapitadas. E isso no meio de muita traição e fingimento. Segundo os escritos, entretanto, o “bom Davi” nunca sabe que seus inimigos são assassinados, mas mata quem mata seus inimigos. Assim ele “administra a justiça”!

Abner, que era chefe do exército de Saul, inicialmente apóia Isbaal como rei de Israel (2Sm 2,8-9). Mas ambiciona o trono e, por isso, violenta e toma para si Rispa (Resfa), uma das concubinas de Saul. E diante da reclamação de Isbaal, simplesmente responde: “Salvei você das mãos de Davi e agora vens me censurar por causa de uma mulher” (2Sm 3,8)? Interessante a tradução proposta pela Bíblia do Peregrino<sup>5</sup>, inclusive pelo duplo sentido que a expressão tem em português: “Eu não te entrego em poder de Davi e agora me jogas na cara um assunto de mulheres”!

Abner, logo depois, tenta aliar-se ou subjugar-se a Davi. Apenas uma exigência lhe é feita pelo herói: “Entrega-me a minha mulher Micol, aquela que adquiri por cem prepúcios de filisteus” (2Sm 3,14). Moeda de negócio: a mulher, a mesma já antes comprada de Saul (dote para o casamento), por nada menos que cem prepúcios. Aliás, na ocasião, Davi achou pouco cem prepúcios filisteus, resolveu trazer duzentos (1Sm 18,27). Apesar dos choros do novo companheiro de Micol (2Sm 3,16), ela é trazida. E Abner, numa traição, é assassinado. Davi, que, segundo a narrativa, não sabia da cilada, chorou e compôs mais um hino (2Sm 3,22-39).

Mas sobrava Isbaal, o filho de Saul. Mais um plano e também é eliminado! E mais uma vez a narrativa diz que Davi não tinha conhecimento de nada. Sua sentença, como “rei justo” que era, para com os que lhe tinham trazido a cabeça de Isbaal: “aquele que me anunciou a morte de Saul acreditava ser portador de uma boa notícia. Eu o agarrei e o matei em Siceleg, em retribuição pela sua boa nova (...) Então Davi ordenou aos seus filhos mais novos que os matassem. Cortaram-lhe as mãos e os pés e os penduraram perto do açude de Hebron” (2Sm 4,10-12).

O que chama a atenção, nesta última narrativa, é que para assassinar Isbaal, mais uma vez, a lógica da violenta hegemonia masculina se aproveita da exploração do trabalho de uma mulher, a porteira, que dorme vencida pelo cansaço enquanto limpava o trigo (4,6). Isto sem falar do sofrimento de uma criança de cinco anos, portadora de deficiência, e de sua ama, que com ela já tinha fugido, caído, se machucado.

5. Tradução coordenada por Luís ALONSO SCHÖKEL, em português, publicada pela Paulus Editora.

Assim vai livrando-se Davi de quem lhe possa ser sinal de qualquer ameaça. E consegue seu desejo: submeter a arca do Senhor ao seu controle, visto que a mesma agora está na “sua” cidade. A Micol, que critica a Davi pelas suas piruetas durante o traslado da arca (ia saltando e dançando), resta-lhe a “sentença” repetida pelos redatores do texto: “não teve filhos até ao dia de sua morte” (2 Sm 6,23).

## 2. E as mulheres na casa real?

Várias mulheres são mencionadas nestes conjuntos de textos que tratam sobre a atuação de Davi. De Abigail, em 1Sm 25, se fala como a mulher virtuosa de Provérbios 31. Ela é posta em contraposição ao seu marido, Nabal, o tonto. Ela toma a frente nas negociações com Davi e, por causa de sua atuação, a violência é evitada. Dentre as mulheres, escolhemos uma esposa e mãe e uma filha para analisar mais de perto como o texto descreve o seu papel.

### 2.1. Bate-seba (*Betsabéia*) – 2Sm 11,1-27

Bate-seba, apresentada como a filha de Eliam, é a mulher que toma banho frente à janela do rei Davi. A ela são atribuídos papéis de sensualidade e sedução, que se misturam com maternidade e poder.

A história da tradição interpretativa tem destacado esta nuance de Bate-seba: ela é sensual, e de forma provocativa toma banho na frente da janela do rei. E este, seguindo seus impulsos de homem que tem poder, arruma todas as possibilidades de tê-la para si. As condições adversas, o fato de Bate-seba ser casada e de seu marido ser chefe do exército do rei, parecem ser complicações que a narrativa evidencia para dizer do poder e das possibilidades do rei. Dão uma sensação de proibido na história, que aumentam o prazer da leitura do texto.

Poderia se afirmar que a construção do texto apresenta as mulheres na narrativa de ascensão davídica de uma forma estereotipada, dividindo-as entre a esposa boa e a esposa má, com suas identidades usurpadas em detrimento da exaltação do poder do rei. “A duração da vida textual das mulheres parece estar diretamente vinculada à extensão do prazer sexual que ela oferece aos seus criadores homens”<sup>6</sup>.

Bate-seba tem ainda um papel de destaque na sucessão do reinado. A partir de suas articulações é que Salomão, seu filho, que não é nem o primogênito, nem o mais novo, é escolhido como sucessor.

Ela é a primeira *gebirah*<sup>7</sup> – rainha-mãe. Sua atuação estabelece parâmetros para reconstituir as funções e os poderes que este *status* conferia a algumas mulheres do pa-

6. Alice BACH, “O prazer do texto dela”, em Athalya BRENNER (organizadora), *Samuel e Reis – A partir de uma leitura de gênero*, São Paulo: Paulinas, 2003, p.158.

7. O termo pode significar: “mãe ou esposa do soberano reinante (1Rs 11,19; 2Rs 10,13; Jr 29,2; 1Rs 15,13; 2Cr 15,16; Jr 13,18), regente feminina, governadora (Is 47,5.7) patroa em relação à serva (Gn 16,4.8.9; 2Rs 5,3; Sl 123,2; Pr 30,23; Is 24,2)”, cf. Zafira BEN-BARAK, “O status e o direito da gebirah”, em Athalya BRENNER (organizadora), *Samuel e Reis – A partir de uma leitura de gênero*, São Paulo: Paulinas, 2003, p.217.

lácio real. A pergunta pelas suas funções como rainha-mãe vem misturada com o seu papel no conflito com Salomão e Adonias, sua posição e atuação no palácio.

A partir de um estudo sobre as funções das rainhas-mães na monarquia, descobre-se que existe um mundo de atividades e poderes entre os papéis atribuídos e as práticas efetivas das mulheres. “Ser mãe, esposa ou filha não era só estar *relacionada* a um homem, mas também era ser *responsável* pelas funções desta posição dentro do trabalho e dos símbolos da casa real”<sup>8</sup>.

Muitas rainhas-mães recebem o título de *gebirah*, entre estas Atalia, 2Rs 8,26; Hamital, 2Rs 23,31; Noesta, 2Rs 24,8. Outras, não recebem o título, mas a função que desempenham é tipificada como tal. O papel das rainhas-mães estava especialmente ligado às funções e responsabilidades políticas que envolviam a sucessão do trono real. Contudo, estas atuações do campo político não podem ser vistas dissociadas das funções religiosas. Os papéis religiosos são frutos da localização das mulheres na trama social. As mães dos reis podiam exercer funções cúlticas conectadas com a deusa mãe, Aserá, praticada no interior da corte real, conforme a atuação de Maaca, mãe do rei Asa, em 1Rs 15,9-15<sup>9</sup>.

A forma como a história narra as relações entre Davi, Bate-seba e Urias mostra que tais relações estão imbricadas pelo poder. Na narrativa, os homens têm o poder do falo e da fala. Só eles tem sua voz expressa. E o diálogo entre eles é sobre a guerra. A violência está entretecida em suas relações. Um, que é rei e está num patamar de poder superior, tem o poder de mandar o outro para a morte. O outro, com sua masculinidade construída a partir de um modelo dominante, é subalterno. Seu poder de homem se fundamenta em obedecer e não se dobrar diante do poder. Morre de tanto ser homem!<sup>10</sup> A mulher só entra no texto com seu corpo: está nu e é sensual, num primeiro momento; passa pela purificação e, em seguida, é um corpo grávido. Sua presença é marcada por sua sexualidade que está à disposição dos homens. Muitas perguntas e dúvidas podem ser levantadas a partir desta aparição de Bate-seba. Ela está tomando seu banho propositalmente num lugar onde possa ser vista pelo rei? Se for assim, por que ela faz isto? É uma estratégia de chegar ao poder? Uma análise nessa direção seguiria uma lógica estereotipada de acesso ao poder pelas mulheres, através de sua sensualidade/sexualidade. Ou o banho é depois que Davi mantém relações com ela? A purificação é da relação ilícita e revela que foi forçada? Estas são perguntas que podem abrir outras portas e janelas de interpretação e problematizam o que a narrativa quer apresentar de forma harmônica e consensual.

No entanto, ao analisarmos o conjunto de aparições de Bate-seba, podemos observar que a sua presença é poderosa na estruturação das relações de poder na casa real. Embora o texto e a tradição interpretativa queiram enquadrá-la num estereótipo

8. Elna K. SOLVANG, *A woman's place is in the house*, p.2. O itálico é da autora.

9. Susan ACKERMANN, *The Queen Mother and the cult in Ancient Israel*, p.388.

10. Expressão usada por Nancy Cardoso Pereira no estudo sobre 2Sm 11: “Pra não dizer que não falei de homens”, em Nancy Cardoso PEREIRA, *Maria vai com as outras – Mulheres libertárias libertadoras da Bíblia*, São Leopoldo: CEBI (Série: A Palavra na Vida, 114), p.46.

de “mulher sensual”, podem-se descobrir várias facetas da prática desta mulher. Uma análise crítica das relações de gênero evidencia estes meandros do poder.

## 2.2. *Tamar – 2Sm 13*

Ela é filha do rei Davi. Sua história revela outras nuances de violência, nos quartos do palácio. A história de Tamar, em 2Samuel 13, faz parte de um contexto onde a violência contra as mulheres, especificamente a violência sexual, é um instrumento de demonstração de superioridade e poder. O caso de Tamar envolve incesto e estupro no âmbito da casa real. São homens que estão envolvidos no plano de conspiração para que o momento adequado de efetuar a ação seja possível, e são homens que após o sucedido, ordenam o silêncio e a não-denúncia. A voz e o protesto de Tamar são relatados no texto, mas seu poder de denunciar e agir é abruptamente interrompido. A vítima, a mulher, não se cala, mas os homens, os perpetradores ou os que são coniventes com a violência, exigem o silêncio. Davi, o pai e rei, no final não chora a violência em sua casa. Ele e os homens ao seu redor lamentam a morte de Amnon, que se dá no conflito pelo poder (2Sm 13,23-36).

O que se percebe nestas passagens é de que a violência sexual acontece entretecida nas tramas do poder político. As conquistas sexuais, a violência e a dominação sobre as mulheres fazem parte das jogadas dos homens para chegar ou permanecer no poder, conforme esta história. Contudo, Tamar, como vítima da violência, exerce seu poder com os mecanismos aos quais têm acesso: ela argumenta, recorre ao conhecimento da lei, conversa, tenta dissuadir e, por fim, diante da consumação do estupro, grita<sup>11</sup>.

O outro irmão pede que Tamar fique em silêncio, que não denuncie a violência sexual de Amnon. Aliado ao ato em si de violência, o que vemos aqui são manifestações que correspondem às expectativas de uma masculinidade que se fundamenta na força, na violência e no poder. O silêncio que se pede é cúmplice da violência.

## 3. **Violência militar e violência sexista andam de mãos dadas**

No preâmbulo da Constituição da Unesco, documento assinado em Paris, em novembro de 1945, lemos: “Como as guerras nascem no espírito dos homens, é no espírito dos homens que devem ser erguidas as defesas da paz”<sup>12</sup>. Àquela época, os redatores (e aqui fazemos questão de usar o termo apenas no masculino), quando recorreram ao termo “homens”, com certeza pensavam na espécie humana. Para as reflexões que aqui estamos fazendo, pelo menos em sua primeira parte, a frase deve ser assim mantida, sendo que talvez tenhamos que ter uma audácia maior na interpretação: de fato, já é entre nós consensual que “as guerras são uma má invenção humana e não uma necessi-

11. Cf. Elaine NEUENFELDT, “Violência sexista e o poder – O caso de Tamar em 2Samuel 13,1-22”, em *RIBLA*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, vol.41, p.42-53.

12. Preâmbulo do Ato Constitutivo da UNESCO. Em português, o documento pode ser encontrado, por exemplo em [www.unesco.web.pt/actoconstitutivo](http://www.unesco.web.pt/actoconstitutivo).

dade biológica”<sup>13</sup>. Entretanto, seriam invenção de todas as pessoas? Sem mergulharmos em maiores pesquisas arqueológicas é até arriscado, mas é necessário dizer: não, as guerras são invenção de uma parte da humanidade. Na verdade, a guerra é invenção dos homens, neste caso, referindo-se o termo ao sexo masculino. Não de todos os homens, evidentemente! Mas um modelo de masculinidade hegemônico se impôs ao longo da história, apoiado, entre outras coisas, na violência, atingindo a todas as pessoas, tanto de mulheres quanto de homens. Parece que a violência contra as mulheres, ou contra o feminino, serve para consolidar o poder e afirmar a identidade masculina dos homens. Masculinidade significa a capacidade de exercer a violência<sup>14</sup>. Não é demais repetir, portanto, que as maiores vítimas deste modelo são as mulheres, porque a violência bélica, entre outras coisas, se entrelaça de forma estrutural com a violência sexista:

“Ambas as invenções – a invenção social da dominação masculina e a invenção social do sistema da guerra – estão simbioticamente unidas, favorecem-se uma da outra, são manifestações gêmeas do problema comum da violência social. (...) As causas estruturais da violência social são a criação humano-masculina das relações sociais de acordo com a estrutura psíquica ferida pelo medo da diferença. É deste medo que os homens constroem a organização mundial dos estados nacionais militarizados e a cultura da guerra”<sup>15</sup>.

Esta mesma ferida originária faz com que, nas relações de gênero, as diferenças se convertam em sexismo. Este, junto com a homofobia, é elemento constitutivo na construção social de masculinidades. Nosso olhar sobre a casa de Davi teve esse recorte.

A superação deste modelo hegemônico, isso sim, é tarefa de toda a humanidade. O conceito de *masculinidade hegemônica*, ainda que não seja consensual, tem o grande mérito de garantir a possibilidade de falarmos em masculinidades, no plural. Vejamos o que diz, a esse respeito, por exemplo, Marilise Miriam de M. Almeida, ao comentar os conceitos *masculinidade hegemônica* e *masculinidades subalternas*: “Parece-me delicado postular subordinação ou marginalização para as masculinidades, pois a mesma é, e infelizmente continua sendo, claramente dominante (ainda que o homem seja gay, negro ou de outra raça/etnia não branca), quando comparada com a feminilidade”<sup>16</sup>. Seja como for, as mulheres foram as primeiras a convocar a humanidade para a superação do modelo em vigor! Não só pelas atitudes de denúncia (e neste caso, os próprios silêncios são forte denúncia), mas também porque, como sabemos, “parte

13. Essa idéia, que contraria o senso comum, tão difundida pelo positivismo, foi introduzida por uma mulher, a antropóloga Margaret Mead (1901-1978). Cf. Vicent MARTÍNEZ GUZMÁN, *Roles masculinos y la construcción de una cultura de paz*, disponível em [www.hombresigualdad.com](http://www.hombresigualdad.com).

14. Harold WASHINGTON, “Violence and the construction of gender in the Hebrew Bible – A new Historicist Approach”, em *Biblical Interpretation*, Leiden: Brill, 1997, p.330-331.

15. Vicent MARTÍNEZ GUZMÁN, *Roles masculinos y la construcción*. Para essas afirmações, o autor faz uso das idéias da pesquisadora feminista para a paz, Betty Reardon.

16. *Dimensões da masculinidade no Brasil – Uma discussão conceitual preliminar*. Exposição durante o I<sup>a</sup> Simpósio Internacional: O Desafio da Diferença, promovido, em Salvador/BA, pela UFBA, em 2000. Cf. [www.desafio.ufba.br](http://www.desafio.ufba.br)

significativa da discussão sobre masculinidades acompanha o fio da continuidade das reivindicações feministas”<sup>17</sup>.

#### 4. Violência tem gênero?

O termo “violência” é feminino<sup>18</sup>. Mas, numa conclusão quase que evidente, após termos olhado como se davam as relações de gênero na casa de Davi, temos que dizer: de fato, violência bélica e violência sexista são categorias e expressões que designam, de forma mascarada ou explícita, práticas quase sempre masculinas. Ainda em nossos dias, 97,5% dos atos de violência são cometidos pelos homens<sup>19</sup>. Não só a título de curiosidade, mas também como exercício de observação de como nossos comportamentos vão sendo nomeados ao longo da história, vejamos a origem do termo “violência”.

Nas línguas de raiz indo-européia, na origem da palavra *violência* está “*gwei*”, o mesmo termo de onde procede *bios*, em grego, ou *vita*, em latim. Em grego, *violência* é *bia*. A partir disto, violência significaria, então, *força vital* (no latim: *vis* = força, energia poder). Ora, “força vital”, em si mesma, é uma expressão extremamente positiva e inclusiva.

A evolução do termo, entretanto, e de seus significados, parece ter acompanhado o desenvolvimento da história do patriarcado. Aos poucos, é o “varão” que se tornará o possuidor das qualidades *viris*, inclusive a *virtude*! Na Grécia antiga, a educação para a virtude significava o moldar-se a um “comportamento excelente”, à “coragem”, às “ações nobres” (em grego, *areté*, palavra com sentido masculino, porque relacionada a *aristos* – “o melhor” e a *aristótokos* – “o aristocrata”). Vale lembrar também o termo *violação*, também derivado da raiz *vis*.

Mas, por ironia dos sentidos das palavras, não poucas vezes se justificam atitudes violentas com expressões como: “ele estava fora de si”, “perdeu o controle”, “não teve domínio sobre seus atos”. Ora, não tem controle quem não tem o poder! Não é à toa que os dicionários dão ao indivíduo que está nesta situação o adjetivo *desapoderado*. O termo é menos comum em português (ainda que utilizemos “*despoderado*”), mas pelo menos em sentido figurado, tem a ver com descontrole, fúria, ímpeto. O que, na prática, significa afirmar que age com violência a pessoa que está em vias de perder o poder, ou que sente que não o tem de fato, está *despoderada*! Ora, já dissemos que a quase totalidade dos atos de violência é praticada pelos homens, os que justamente advogam para si todo o poder, no sistema patriarcal. Ao agirem com violência, na verdade, estão desapoderados, querendo achar-se *seguros*. “*Segura*” é a pessoa que dispensa qualquer cuidado (= *sine-cura*). Não é por acaso, portanto, que diversas correntes fe-

17. Marilise M. ALMEIDA, I<sup>a</sup> Simpósio Internacional: O Desafio da Diferença – www.desafio.ufba.br.

18. Para as observações etimológicas que seguem, apoiamos-nos no artigo de Vicent MARTÍNEZ GUZMÁN, *Roles Masculinos y la construcción*, e em Antônio HOAUISS, *Dicionário da Língua Portuguesa*.

19. Adilson SCHULTZ, “Isto é o meu corpo – E é corpo de homem”, em Marga STRÖHER, Wanda DEIFELT e André MUSSKOPF, *À flor da pele – Ensaios sobre gênero e corporeidade*, São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004, p.192.

ministas denunciam o patriarcado como o sistema apoiado numa falsa ética construída apenas em um modelo de masculinidade que dispensa o “cuidado”, a capacidade de “curar-nos uns aos outros”, enquanto mulheres e homens<sup>20</sup>.

## 5. Por onde continuar?

Em última instância, violência tem a ver com medo, fragilidade, vulnerabilidade humana. Ora, se as duas formas de violência mais diretamente mencionadas neste artigo, tão evidentes em todas as tramas da casa de Davi – violência sexista e violência bélica – são construção social de dominação masculina, não há outro caminho: os homens devem assumir para si a responsabilidade de discutir suas fragilidades, sua “necessidade de cura”! Os homens devem buscar contrapontos a este modelo hegemônico de masculinidade, pois este não engloba todos os homens. É exclusivo e marginalizador. Se assim não for, não conseguirão deixar de ver no diferente um inimigo a ser destruído. E o outro continuará sendo a ameaça. E jamais se fará companheiro daquela que também jamais será sua companheira!

Por onde começar? Ou, como continuar? Tracemos juntas e juntos os caminhos, que não são únicos, nem uniformes e estão por ser construídos.

Do ponto de vista de nossa relação com os textos bíblicos, parece-nos bastante importante darmos continuidade a exercícios que nos ajudem a fazer contraleituras ao que, na maioria das vezes, nos impôs a tradição. Como nos perguntarmos, por exemplo, pela figura de um jovem que “ganha” poder e não sabe como administrá-lo de forma sadia? De tudo o que foi feito de Davi pela tradição, o que devemos preservar? Que outros aspectos ainda precisam ser questionados?

Como ficarmos atentas e atentos a muitos discursos sobre o masculino que atrapalham mais do que a própria construção de masculinidade? Ou seja, a normativa idealizada da masculinidade é motivo de opressão e limitação para muitos homens. Ter que ser forte, competente, poderoso, objetivo e todas as características culturais construídas do ser homem é experimentado como uma carga, um peso e uma imposição para muitos. Não há uma aceitação ligeira, sem críticas e contrapontos a estas imposições. Contudo, as vozes de rebeldia masculina a estes modelos ainda precisam ser mais articuladas.

Por outro lado, as expectativas de gênero impostas às mulheres pela sociedade patriarcal, baseada em relações desiguais e sexistas, ferem os corpos das mulheres que acessam aos espaços de poder numa tentativa de modelagem e amordaçamento. Mulheres que estão em espaços de decisão e mando são pressionadas a exercer o poder de forma que corresponda aos modelos patriarcais. Neste sentido, o discurso centra-se

20. Não tratamos aqui a ética do cuidado como uma qualidade feminina apenas, mas como algo fundamental para novas relações de gênero e para a construção da paz entre os povos. Também não entendemos o cuidado como algo somente antropológico (ou antropocêntrico). O cuidado é algo a ser vivido e cultivado de forma recíproca, entre mulheres e homens, entre as pessoas e a natureza, todo o cosmos.

mais no que elas deveriam fazer no poder, e as avaliações e críticas são traçadas a partir da moldura patriarcal e androcêntrica.

Estas relações de gênero não nos satisfazem mais. Queremos mais! Queremos não pela metade. Queremos mudar, ensaiar e recriar. Revisitando os textos bíblicos com novas perguntas encontramos novas possibilidades e um novo caminho. Não único e nem definitivo, sabemos. Mas é um caminho que fazemos juntos, numa perspectiva de ensaio e de tentativa.

Enquanto buscamos as respostas, continuamos nos somando à idéia e às práticas de pessoas que acreditam na capacidade do empoderamento mútuo, numa perspectiva de leitura da vida e da Bíblia que nos ajude a:

“... resistir, empoderar, nutrir e libertar quem dela participa. Para fomentar a resistência, é necessário nomear e contestar a violência, relacionamentos abusivos que perpetuam sofrimento desnecessário, falsos estereótipos que distorcem a realidade. Empoderar é ajudar as pessoas a descobrirem o potencial que está nelas mesmas, com recursos e meios para revestir-se de autoridade, voz e poder”<sup>21</sup>.

Enfoques mais amplos, que reconheçam e resgatem os poderes das mulheres, que reconheçam e relativizem os poderes dos homens, podem ajudar na discussão dos papéis masculinos e femininos construídos cultural e socialmente. Tais papéis não podem justificar nem permitir o uso de qualquer tipo de violência, mas sim, nas mais variadas formas possíveis, poderão nos ajudar a refazer a experiência do cuidado.

*Elaine Neuenfeldt*  
Rua Riachuelo 676  
Santo Afonso  
93425-010 Novo Hamburgo, RS  
elainenf@terra.com.br

*Edmilson Schinelo*  
schinelo@terra.com.br

21. Wanda DEIFELT, “Contribuições da Teologia Ecofeminista para uma Leitura Ecológica da Bíblia”, em Luiz J. DIETRICH (organizador), *Ecologia – Solidariedade com o cosmos*, São Leopoldo: CEBI, 2003, p.27.